



Recensión

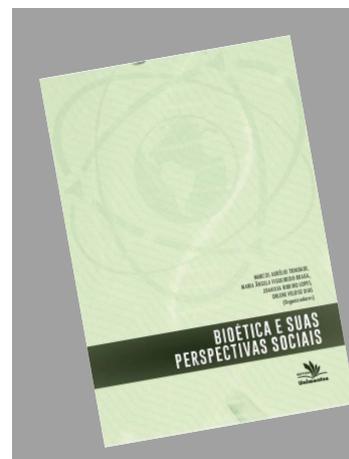
A bioética e suas perspectivas sociais

Joanilva Ribeiro Lopes, Marcos Aurélio Trindade, Maria Ângela Figueiredo Braga y Orlene Veloso Dias (orgs.)

Editora Unimontes, Montes Claros

2021, 189 pp.

ISBN: 978-65-86467-26-0



A bioética e suas perspectivas sociais é uma obra que conta com a organização de quatro estudiosos da área de bioética. Esse grupo seletivo de organizadores teve a sensibilidade científica de reunir autores pesquisadores que cooperam interdisciplinarmente para com o objetivo de garantir analisar criticamente a perspectiva social sob a ótica da bioética em temas como o status da ciência no século XXI, a violência doméstica, a cidadania, o desafio da saúde global, tópicos de biopolítica, o abandono de pessoas, a questão do Cyborg e os cuidados para tempos pandêmicos.

O capítulo um traz uma discussão acerca da evolução do pensamento humano ao longo da história, começando com a dominação do pensamento mágico no homem primitivo, passando pelo advento do pensamento racional na Grécia antiga, que influenciou a cultura ocidental. Em seguida, destaca a sociedade contemporânea, estressada devido ao acúmulo de conhecimentos científicos e tecnológicos, o que gera perplexidades científicas e éticas. Os autores abordam as inovações tecnológicas na área de saúde, como a terapia genética e a interface homem-máquina, que alimentam utopias relacionadas à longevidade, beleza e prazer. Também menciona a ética da bioética e sua importância na aplicação da ciência e tecnologia nos tempos atuais, visando à preservação da dignidade humana. O texto se aprofunda nas questões éticas relacionadas à biotecnologia, à recombinação genética e ao uso de drogas para aprimorar seres humanos. Destaca a necessidade de reflexão sobre as consequências éticas dessas inovações, incluindo a modificação da estrutura e fisiologia humanas. Por fim, é ressaltada a importância de um debate ético sobre o poder da tecnociência e como ele pode ser utilizado para o bem ou para o mal, enfatizando a necessidade de envolver não apenas os cientistas, mas toda a sociedade nesse debate. O texto questiona se o progresso do conhecimento científico é um bem em si mesmo e se deve haver limites para esse progresso em prol do bem-estar da humanidade e do pensamento humano.

O segundo capítulo aborda a presença da violência como um fenômeno social em todas as sociedades, destacando que a violência é caracterizada pelo constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém. Afirma que a violência é uma prática que causa dor e sofrimento, seja de ordem física ou psicológica para as vítimas, e que revela estruturas de dominação de classes, indivíduos, etnias, faixas etárias, gêneros e nações. O texto também ressalta a violência contra mulheres no âmbito doméstico como um fenômeno global e multifacetado, cuja visibilidade cresceu, mas o problema persiste. Aborda ainda o aumento da violência durante a pandemia de COVID-19 e suas dimensões alarmantes. O texto analisa as causas da violência contra mulheres, como o patriarcado, a cultura machista, a misoginia, e destaca a necessidade de desnaturalizar a violência e encará-la como uma violação dos direitos humanos.



O capítulo 3 aponta para a importância da ética, da bioética e dos valores na esfera social, especialmente no contexto da saúde e da política. Ele enfatiza a necessidade de compreender a ética como um valor moral em benefício da humanidade, destacando a interdisciplinaridade envolvida nesse campo. Além disso, o texto aborda a relação entre ética, moral e valores na construção de uma sociedade justa, destacando a importância da cidadania, dos direitos humanos e das ações políticas que promovam o bem-estar social e a justiça. Os autores também discutem a importância da liberdade, da participação popular e do engajamento cívico na busca por uma sociedade mais justa e democrática. Eles ressaltam que a mudança política e a melhoria da situação social exigem uma conscientização e uma ação ativa da sociedade em direção a valores e práticas éticas que promovam o bem comum e a justiça social. Além disso, o texto destaca a relevância da bioética na discussão sobre saúde e destaca a necessidade de políticas que promovam a igualdade e a justiça na distribuição de recursos e serviços de saúde.

Em se tratando de Bioética e cuidado com os idosos, no capítulo 4 é lembrado que a bioética, um campo de estudo que se originou em meados do século XX, se baseia em diferentes abordagens, como a principialista e a contextualizada. A principialista é fundamentada em quatro princípios: autonomia, justiça, beneficência e não maleficência, enquanto a contextualizada é mais flexível e adaptada à cultura local. Ambas têm relevância para o Brasil e a América Latina. O cuidado com os idosos é um tópico importante da bioética, especialmente em tempos de pandemia. O envelhecimento da população é uma tendência global, e a população idosa representa uma parcela significativa da sociedade. É essencial considerar as necessidades e os direitos dos idosos, destacando sua importância e participação ativa na sociedade. O Estatuto do Idoso no Brasil é uma legislação que visa proteger os direitos das pessoas com 60 anos ou mais. Com o envelhecimento populacional, é fundamental criar políticas públicas e iniciativas que atendam às necessidades desses indivíduos, reconhecendo sua diversidade e suas capacidades. A população idosa não deve ser vista como um fardo, mas como uma valiosa fonte de experiência e sabedoria. Oferecer oportunidades de trabalho adequadas, respeitando suas limitações físicas e intelectuais, é essencial para promover seu bem-estar e integração na sociedade. Em última análise, a atenção aos idosos deve ser uma prioridade, pois o envelhecimento da população é uma realidade crescente em todo o mundo. Os autores lembram que é necessário valorizar a contribuição dos idosos para a sociedade e garantir que eles desfrutem de uma qualidade de vida adequada.

O capítulo 5, por sua vez, discute a emergência do campo interdisciplinar de ação e estudos chamado saúde global, liderado por países do hemisfério norte, e destaca a falta de atenção dada a esse campo no Brasil. O autor observa que o Brasil tem pouca tradição em ajudar outros países em questões de saúde, seja por meio de parcerias internacionais ou ações de organizações não governamentais brasileiras. Além disso, ressalta a escassez de estudos bioéticos no Brasil relacionados à saúde global e a necessidade de uma perspectiva que vá além do debate sobre a legitimidade de uma bioética global, enfocando os desafios éticos reais da saúde global, especialmente em contextos de pobreza e desigualdade. O texto argumenta que a pandemia de Covid-19 tornou ainda mais evidente a necessidade de uma abordagem de bioética que leve em consideração as questões concretas e as injustiças em saúde que afetam as pessoas em nível global, destacando a importância de uma perspectiva que envolva as vozes das pessoas marginalizadas e vulneráveis.

Contemplando tópicos de biopolítica, no capítulo 6, o autor aborda a importância da segurança do paciente no contexto dos serviços de saúde, destacando que eventos adversos representam uma preocupação crescente, tanto em termos de impacto na saúde do paciente como nos custos para os sistemas de saúde. Ele destaca a necessidade de considerar os direitos do paciente como base para garantir a segurança, argumentando que esses direitos não podem ser simplesmente tratados como uma questão de relação contratual entre prestadores de serviços de saúde e pacientes, mas sim como direitos humanos com obrigatoriedade jurídica.



O autor também diferencia entre direitos do usuário, relacionados ao acesso a recursos de saúde, e direitos do paciente, relacionados à qualidade do cuidado. Além disso, ele discute a judicialização do direito à saúde, enfatizando a importância de compreender a diferença entre acesso a recursos e qualidade do cuidado. Por fim, o autor explora a influência da mercantilização da saúde, onde a saúde se torna uma mercadoria, e seu impacto sobre os direitos do paciente, apontando para a necessidade de desconstruir a abordagem consumerista dos direitos humanos em favor de uma cidadania pública na área da saúde.

O sétimo capítulo trata sobre o problema do abandono. Os autores destacam a complexidade do cuidado multidimensional ao ser humano, compreendendo quatro dimensões específicas: física, emocional, social e espiritual. A dimensão física trata do sofrimento do corpo, enquanto a dimensão emocional envolve sentimentos. A dimensão social está relacionada ao meio social, e a dimensão espiritual aborda o sentido da vida. Os cuidados paliativos desempenham um papel fundamental, centrados no alívio do sofrimento em cada dimensão. A bioética é mencionada em relação a dilemas como eutanásia, distanásia, ortotanásia e mistanásia. O texto também enfatiza a importância da compaixão no cuidado paliativo e destaca a necessidade de abordagens comunitárias compassivas para combater o abandono e a desigualdade na assistência em saúde.

O oitavo capítulo faz reflexões acerca do fenômeno atual dos ciborgues. No texto, os autores exploram o conceito de ciborgue, principalmente a partir da perspectiva Haraway. Eles abordam como o ciborgue desafia as fronteiras tradicionais entre o humano e o não-humano, explorando a fusão de elementos tecnológicos e biológicos. A discussão envolve reflexões sobre os limites da ciência, a relação entre a tecnologia e a vida humana, e a transformação das noções tradicionais de identidade e sujeito. Além disso, o texto menciona a aplicação do conceito de ciborgue em diferentes campos, incluindo a saúde e os estudos organizacionais, e destaca a importância da bioética diante dessas mudanças tecnológicas e conceituais.

Por fim e não menos importante, o capítulo que conclui essa organização vem tratar sobre os cuidados paliativos no contexto da pandemia. O texto aborda os princípios e práticas dos Cuidados Paliativos (CP) segundo a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS). Esses cuidados visam melhorar a qualidade de vida de pacientes enfrentando doenças ameaçadoras da vida, com foco na prevenção e alívio do sofrimento, tratamento de sintomas físicos, psicológicos, sociais e espirituais. É enfatizado que os CP devem ser fornecidos a todos, independentemente do prognóstico, e são uma responsabilidade dos sistemas de saúde. A espiritualidade é vista como um componente importante nesses cuidados. O texto também explora questões éticas relacionadas aos CP, incluindo a diferenciação entre a ortotanásia, eutanásia, distanásia e mistanásia, bem como a importância das Diretivas Antecipadas de Vontade. Em seguida, destaca-se a relevância dos CP no contexto da pandemia da COVID-19, enfatizando a necessidade de ações éticas fundamentais, como não abandonar os pacientes, respeitar a autonomia e promover a justiça. O texto conclui ressaltando a importância de manter a dignidade e o alívio do sofrimento em meio à crise de saúde global.

Pelo exposto até então, foi possível notar que cada capítulo ofereceu uma perspectiva única e profunda sobre os desafios éticos que a humanidade enfrenta em um mundo em constante evolução, impulsionado pela ciência e tecnologia. Ficou evidente que o avanço do conhecimento científico e tecnológico, embora repleto de promessas, também traz consigo dilemas éticos complexos que precisam ser enfrentados com sabedoria e cuidado.

Através destas páginas, também compreendemos a necessidade de promover valores fundamentais, tais como a justiça, a igualdade, a dignidade da pessoa humana e a compaixão tendo em vista uma sociedade mais justa e democrática. Além disso, a importância da bioética como guia e guardiã desses valores ficou clara em cada discussão.



Assim, conclui-se esta jornada de reflexão e aprendizado com uma maior compreensão da complexidade ética e da necessidade contínua de avaliar e reavaliar valores vigentes. É necessário um compromisso com a promoção do bem-estar comum e da justiça social.

Que esta obra nos guie em direção a um futuro mais ético, compassivo e humano.

Moacir Ferreira Filho

Doutor e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) com período intercalar com a Universidade Católica Portuguesa (UCP-Lisboa)

Professor no Centro Universitário FAVENI e na Faculdade de Filosofia e Teologia Paulo VI